

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v18i31.832>***O FUTEBOL NO SERTÃO NORDESTINO BRASILEIRO:*** o torneio BAPE em Juazeiro e Petrolina na década de 1990<sup>1</sup>***FOOTBALL IN THE NORTHEASTERN BRAZILIAN BACKLANDS:*** the BAPE tournament at Juazeiro and Petrolina in the 1990s***FÚTBOL EN EL INTERIOR DEL NORDESTE BRASILEÑO:*** el torneo BAPE en Juazeiro y Petrolina en la década de 1990

FRANCISCO DEMETRIUS LUCIANO CALDAS  
 Doutorando em Educação / Universidade Federal da Bahia  
 Professor do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano  
 Petrolina, Pernambuco, Brasil  
[demetriuscaldas@hotmail.com](mailto:demetriuscaldas@hotmail.com)

ALVARO REGO MILLEN NETO  
 Doutor em Educação Física (UGF)  
 Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UNIVASF  
 Petrolina, Pernambuco, Brasil  
[alvaro.millen@gmail.com](mailto:alvaro.millen@gmail.com)

BRUNO OTÁVIO DE LACERDA ABRAHÃO  
 Doutor em Educação Física (UGF)  
 Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFBA  
 Salvador, Bahia, Brasil  
[bruno.abrahao@ufba.br](mailto:bruno.abrahao@ufba.br)

**Resumo:** O objetivo desta pesquisa é analisar os motivos que levaram ao encerramento do BAPE, tradicional torneio de futebol amador que se diferenciava pelo fato de opor times das cidades Juazeiro-BA e Petrolina-PE no Sertão do Rio São Francisco. O BAPE foi realizado entre as décadas de 1970 a 1990. A análise documental de matérias jornalísticas revelou uma tradição futebolística ritualizada por vinculações identitárias, sentimentos de vizinhança e rivalidade entre as cidades. Com a presença de desordens internas e violências física e simbólica, o torneio perde espaço na agenda esportiva. Seus protagonistas vivenciaram seu declínio, associado a outros problemas e a profissionalização do futebol, extinguindo um evento de grande relevância na história do futebol são franciscano.

**Palavras-chave:** Futebol. Juazeiro-BA. Petrolina-PE.

**Abstract:** The objective of this research is to analyze the reasons that led to the closure of BAPE, a traditional amateur soccer tournament that was differentiated by the fact that it opposed teams from the cities Juazeiro (Bahia) and Petrolina (Pernambuco). BAPE was carried out between the 1970s and the 1990s. The documentary analysis of journalistic articles reflected a football tradition ritualized by identity ties and feelings of neighborhood and rivalry between cities. With the presence of internal disorders, as well as physical and symbolic violence, the tournament loses space in the sports agenda. Its protagonists experienced its decline, associated with other problems and the growing professionalization of

<sup>1</sup> Artigo submetido à avaliação em agosto de 2020 e aprovado para publicação em dezembro de 2020.

football, extinguishing an event of great relevance in the history of the Saint Franciscan football.

**Keywords:** Soccer. Juazeiro-BA. Petrolina-PE.

**Resumen:** El objetivo de esta investigación es analizar las razones que llevaron al cierre del BAPE, un torneo tradicional de fútbol amateur que se diferenciaba por el hecho de que se oponía a equipos de las ciudades Juazeiro-BA y Petrolina-PE en el Sertão do Rio São Francisco. El BAPE se llevó a cabo entre los años 70 y 90. El análisis documental de artículos periodísticos reveló una tradición futbolística ritualizada por lazos identitarios, sentimientos de vecindad y rivalidad entre ciudades. Con la presencia de desórdenes internos y violencia física y simbólica, el torneo pierde espacio en la agenda deportiva. Sus protagonistas vivieron su declive, asociado a otros problemas y a la profesionalización del fútbol, apagando un hecho de gran relevancia en la historia del fútbol san franciscano.

**Palabras clave:** Fútbol. Juazeiro-BA. Petrolina-PE.

### Considerações iniciais

Disseminada em todo o território nacional, desde a primeira metade do século XX, a prática do futebol no Brasil ocupou espaços nos centros urbanos, como também em regiões mais longínquas ou interioranas do país. Este trabalho não possui como foco o futebol midiático e espetacularizado que historicamente se construiu nas regiões Sul e Sudeste<sup>2</sup>, mas aquele vivenciado no Nordeste brasileiro, especificamente no Sertão do Vale do São Francisco, na condição de futebol de várzea ou amador.

Os estudos de Caldas<sup>3</sup> se ocuparam da interpretação da singularidade sociocultural de um torneio futebolístico ocorrido entre as décadas de 1970 a 1990, nas cidades de Juazeiro na Bahia e Petrolina em Pernambuco, cidades situadas às margens do rio São Francisco que historicamente são unidas por relações econômicas, políticas e culturais. O BAPE, como era chamado, trazia as siglas de seus respectivos estados, foi gerenciado pelas ligas desportivas das cidades, a LDJ (Liga Desportiva de Juazeiro) e a LDP (Liga Desportiva de Petrolina) com o propósito de confrontar as principais equipes de futebol dessas cidades a fim de descobrir qual delas praticava o melhor futebol da região do Vale do São Francisco. Na década de 1970, seu escopo foi se consolidar na agenda esportiva local, como o principal evento futebolístico ocorrido no intervalo dos campeonatos municipais dessas cidades, que viviam

---

<sup>2</sup> DIAS, Cleber. História do esporte no sertão brasileiro: memória, poder e esquecimento. *Materiales para la Historia del Deporte*, n. 10, p. 24-36, 2012. Disponível em: [http://D:/Downloads/4241-15955-1PB%20\(1\).pdf](http://D:/Downloads/4241-15955-1PB%20(1).pdf). Acesso em: 22 jun. 2017.

<sup>3</sup> CALDAS, Francisco Demetrius. *O futebol no Sertão do São Francisco: uma análise sobre os significados do torneio BAPE pela mídia impressa*. 2017.101 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina-PE, 2017.

suas épocas áureas do futebol amador. Sua singularidade e ineditismo residiam em ser a primeira competição gestada por estas ligas esportivas a opor as equipes amadoras de Juazeiro e Petrolina em um mesmo evento. Na década de 1980, suas ações voltaram-se para a consolidação do certame na região com forte presença da mídia impressa e radialística<sup>4</sup>.

Neste artigo, concentramos nossa atenção na análise das partidas de futebol do BAPE que ocorreram nos anos 1990, década que marca o término do torneio. Por que ele, já consolidado entre essas cidades desde os anos de 1970, não conseguiu manter-se na agenda esportiva do Vale do São Francisco? Quais tramas ocorreram na organização que culminaram com sua derrocada na década de 1990? A fim de responder questões como estas, o objetivo central deste artigo é analisar os motivos que levaram ao fim o torneio BAPE em Juazeiro-BA e Petrolina-PE na década de 1990.

Esta pesquisa constitui-se uma investigação histórica, uma vez que pretende construir um itinerário histórico e a interpretação de significados associados ao fim de partidas de futebol que opunha Juazeiro e Petrolina, metonimizadas nos times que representavam as cidades. Situa-se no âmbito dos estudos históricos e socioculturais do esporte, entendidos como uma ramificação da Nova História Cultural, que procurou privilegiar a importância das investigações das práticas corporais<sup>5</sup>.

Para tanto, tomamos como fonte histórica as matérias jornalísticas da mídia impressa. Acessamos um periódico da cidade de Juazeiro-BA<sup>6</sup>, o *Jornal de Juazeiro*. Foram encontradas 37 reportagens preservadas em acervo situado na sede do jornal, no centro comercial da cidade. Esse jornal iniciou suas atividades no ano de 1972 e até a primeira metade da década de 1970 chamava-se *Tribuna do Povo*, em seguida foi intitulado *Jornal de Juazeiro* até o início dos anos 2000. Atualmente, possui o nome de *Diário da Região*. Desde a sua fundação até a presente data é dirigido pelo médico e jornalista Paganini Nobre Mota.

As reportagens se distribuíram no período de 1991 a 1996, não sendo identificada nenhuma matéria nos anos de 1990 e no período de 1997 a 1999. Desse volume, 11 foram de 1991, três de 1992, três de 1993, uma de 1994, cinco de 1995 e 14 de 1996. O tratamento dos dados foi realizado por meio da transcrição e análise documental dessas matérias.

---

<sup>4</sup> Ibid.

<sup>5</sup> BURKE, P. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

<sup>6</sup> Até a primeira metade dessa década, circulava também em Petrolina o jornal *O Pharol*. Constatamos, no decorrer da pesquisa, que esse jornal, ao finalizar suas atividades, não manteve uma sede que preservasse seu acervo, apenas algumas de suas edições datadas do final da década de 1980 encontravam-se no Museu do Sertão e na Biblioteca Municipal desta cidade. Destarte, *O Pharol* não se constituiu fonte para esta pesquisa.

## O Sertão e o sertanejo do torneio BAPE

É preciso adotar uma perspectiva ampliada para a compreensão do Sertão nordestino enquanto região geográfica, circunscrita por peculiaridades biomáticas, climáticas, culturais e sociais únicas. O Sertão nordestino abrange vários estados do território nacional, sendo compreendida enquanto região no final do século XIX, a partir de um processo histórico de enquadramento das “regiões” econômicas e políticas dos limites das divisões territoriais político-administrativas do Império. Ganha oficialidade enquanto região na segunda metade do século XX, de acordo com Oliveira <sup>7</sup>.

O clima de predominância semiárido compõe cenários na produção literária, que em obras memoráveis contou e expressou as diversas formas de produção da existência dos homens e mulheres dessas regiões. Em *Os sertões*<sup>8</sup>, Euclides da Cunha constrói o primeiro ensaio jornalístico brasileiro a partir da imersão nas representações da terra, do homem e da luta nessa região. João Cabral de Melo Neto, em *Morte e Vida Severina* <sup>9</sup>, narra a trajetória de um sertanejo rumo ao litoral, uma vez que a vida escasseava em sua terra. Com rigor imagético, traça o perfil da morte no sertão através de figuras simbólicas como o coveiro. Rachel de Queiroz, no romance regionalista *O Quinze*<sup>10</sup>, aborda o retirante em meio à seca do Nordeste e à fome como imagens da vida, enquanto Graciliano Ramos percorre a saga de uma família fugindo da escassez de água em *Vidas Secas*<sup>11</sup>. Em *Grande Sertão: veredas*<sup>12</sup>, João Guimarães Rosa, além da aridez, aponta para um Sertão diferenciado, revalorizado como espaço de relações “dramáticas” e singulares, e não mais apenas como lugar de atraso e vergonhoso. O Sertão deixa de ser o indesejável para se converter em um o espaço privilegiado, passível de se viver.

Não menos importante, a construção do Nordeste também passa por Gilberto Freyre e o movimento regionalista liderado por ele, que na década de 1920, na capital pernambucana, congrega pensadores e intelectuais na tarefa de repensar o contexto social dessa parte do Brasil, o Nordeste. Representou o movimento modernista brasileiro, deflagrando a renovação cultural pela qual o país estava passando.

<sup>7</sup> OLIVEIRA, Francisco. *Elegia para uma re(li)gião: SUDENE, nordeste, planejamento e conflitos de classes*. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

<sup>8</sup> CUNHA, Euclides. *Os sertões*. São Paulo: Três, 1984.

<sup>9</sup> MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida severina*. Rio de Janeiro: Editora Alfabeta Brasil, 2009.

<sup>10</sup> QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. Disponível em: [//vivelatinoamerica.files.wordpress.com/2016/03/o\\_quinze\\_obra\\_-\\_rachel\\_de\\_queiroz.pdf](http://vivelatinoamerica.files.wordpress.com/2016/03/o_quinze_obra_-_rachel_de_queiroz.pdf). Acesso em: 16 out. 2016.

<sup>11</sup> RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Disponível em: <http://www.livrosbiografiasefrases.com.br/livros/resumos/resumo-vidas-secas/>. Acesso em: 14 out. 2016.

<sup>12</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. São Paulo: Nova Aguilar, 1994.

Rememorando a trajetória desse movimento, o jornalista Albertim<sup>13</sup> pontua que “o Nordeste é, em grande medida, filho das secas; produto imagético discursivo de toda uma série de imagens e textos, produzidos a respeito desse fenômeno”. Outros exemplos se estendem no cinema e artes visuais.

Em síntese, essas obras literárias e o movimento regionalista construíram representações sociais do Sertão como um lugar inóspito, em que a vida se atrelava a todo instante à necessidade de superar as adversidades climáticas e à ausência de oportunidades. O nordestino ou o sertanejo como o sujeito que insistia e “teimava” em contornar as agruras e continuar sonhando. Nesse contexto, estas questões podem ser compreendidas enquanto representações sociais de um determinado espaço, povo ou forma de viver; tais representações sociais ganham relevância, pois dialogam com o simbólico e com aquilo que é consenso na sociedade.

As representações sociais em torno do Sertão podem, assim, ser pensadas como “uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”<sup>14</sup>.

Na construção tradicional do “ser sertanejo”, as noções de corpo ganham densidade nestas representações, pois evocam a experiência e o símbolo de um corpo esquelético, faminto e enfraquecido pela aspereza da vida. O corpo não se revela apenas enquanto componente de elementos orgânicos, mas também enquanto fato social, psicológico e cultural, na medida em que sua subjetividade produz sentidos que representam a cultura e seu mundo simbólico<sup>15</sup>. Nesse aspecto, Mauss<sup>16</sup> contribui ao afirmar que a relação indivíduo-sociedade se apresenta pelo dispositivo corporal. Mélo<sup>17</sup>, a partir dessa visão, infere que, ao mesmo tempo em que o corpo é marcado por significados biológicos, está também propenso a mudanças determinadas pela história e valores do meio social do qual faz parte.

Considerando que no esporte o corpo possui significativa relevância, essa representação do corpo sertanejo se contrapõe ao corpo aludido nesta pesquisa. Aqui, o corpo

---

<sup>13</sup> ALBERTIM, Bruno. A construção do nordeste por Freire. *Jornal do Comercio*, Recife, 25 out. 2016. Cultura, social, esportes, p. 8.

<sup>14</sup> JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002. p.22.

<sup>15</sup> BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula; COSTA, Maria Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. *Psicologia & Sociedade*, v. 1, n. 23, p. 24-34, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v23n1/a04v23n1.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2017.

<sup>16</sup> MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

<sup>17</sup> MÉLO, Roberta de Sousa. *Admirável corpo novo: cirurgia plástica e reconfiguração corporal*. 2006. 90 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006. Disponível em: [http://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/9522/arquivo442\\_1.pdf?sequence=1](http://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/9522/arquivo442_1.pdf?sequence=1). Acesso em: 14 maio 2017.

está situado em um futebol amador, expressando-se pela virilidade, força, vigor e máxima potência em campo. As representações do corpo sertanejo, presentes nas partidas do BAPE, ressignificam aquelas circunscritas pela escassez de recursos e pobreza. Nessa direção, é oportuno refletir sobre as representações sociais que o futebol brasileiro vem ganhando ultimamente, sendo abordado com ênfases nas presenças do negro, do branco, das mulheres, mas pouco ainda se fala acerca do sertanejo.

Essas representações do Sertão e do “ser sertanejo” fazem parte do rol de elementos culturais, políticos e econômicos que evidenciam um paradigma cultural dessa região do país. Mesmo considerando que tal discussão não é o cerne deste estudo, é importante alargar essas inferências para entendermos o cenário histórico dessa região. E, nesse sentido, Carvalho<sup>18</sup> revela que:

A natureza do Semiárido Nordestino tem sido qualificada pela estereotipia representada nas imagens, narrada em romances, descrita em livros didáticos como pobre, feia, hostil, adversa etc. Os significados dessa natureza foram explicitados nos discursos parlamentares ao longo das décadas. A questão climática, especificamente a seca, durante quase todo o século XX, justificou as intervenções estatais, entre elas, a própria criação da região Nordeste.

Esse panorama, segundo Martins<sup>19</sup>, demarca que, historicamente, o Sertão tem sido uma região secundarizada e desprivilegiada de estudos, e que parte dessa realidade é fruto de influências fundamentadas numa visão da região como espaço marcado por flagelos, secas e fome, tão difundida por elites nordestinas e do Sul e Sudeste do país nas décadas de 1960 e 1970, compondo o paradigma do combate à seca. Esse autor, ao examinar historicamente as representações construídas no Brasil acerca do Sertão nordestino, a partir de uma educação para a convivência com o semiárido, chega às raízes coloniais, à época do império:

No caso do Brasil, de uma ponta a outra, o que foi sendo desenhado como sendo a “cultura brasileira”, se restringiu às clausuras da estética de uma elite localizada nos centros urbanos das províncias da colônia – e depois do império e da república –, em geral com as costas viradas para o restante do país e os olhos fixos nas luzes das metrópoles europeias, localizadas do outro lado do Atlântico.

Portanto, é bem de lá de longe, pois, que herdamos este pedantismo que olha para o resto do país e para todas as questões locais, regionais e de contexto, como questões menores, que não merecem qualquer atenção. Pedantismo este reforçado pela

<sup>18</sup>CARVALHO, Luzineide Dourado. *Natureza, território e desenvolvimento rural no semiárido brasileiro: estudo preliminar das ações da ‘convivência com o semiárido em Juazeiro*. Bahia, 2008. p. 2.

<sup>19</sup>MARTINS, Josemar da Silva. *Anotações em torno do conceito de educação para a convivência com o semiárido. Educação para a convivência com o semiárido: reflexões teórico-práticas*, Juazeiro, BA: Secretaria Executiva da Rede de Educação do Semiárido, selo Editorial-RESAB, 2006. p. 2. Disponível em: <https://www.academia.edu/RegisterToDownload?ssrv=c#BulkDownload>. Acesso em: 20 set. 2017.

concentração da indústria editorial e dos chamados “centros de excelência” no sudeste do país, sabidamente no Rio de Janeiro e em São Paulo<sup>20</sup>.

Contrapondo essa perspectiva, os estudos de Reis<sup>21</sup> e Silva<sup>22</sup> sinalizam a construção de um novo paradigma, que propõe a substituição de políticas representadas pelo jargão do “combate à seca” pelos horizontes da convivência com o semiárido. Nessa perspectiva, olhar para o Sertão longe de estereótipos passa, necessariamente, por uma transformação nas bases educacionais. Nesse âmbito, para contextualizar uma educação descontextualizada, é preciso descolonizar as formas de pensar, de produzir as políticas de Estado.

Nesse contexto sertanejo, Petrolina está situada no Sertão pernambucano e possui atualmente mais de 300 mil habitantes<sup>23</sup>. De um passado em que era conhecida como “passagem para Juazeiro”, Petrolina, a partir da década de 1970, passou a ser um dos municípios mais ricos de Pernambuco fora da região metropolitana da capital do estado, Recife. Seu desenvolvimento econômico “disponibiliza atualmente serviços antes encontrados apenas nas capitais mais próximas, como o acesso a serviços médicos especializados, universidades, escolas técnicas, aeroporto, centros de pesquisa especializados, sedes de empresas etc”<sup>24</sup>.

À margem direita do rio São Francisco, no extremo norte da Bahia, a cidade de Juazeiro desenvolveu-se a partir da sombra da árvore considerada pelo imaginário popular de “mãe do sertão”, o juazeiro. Da sua origem marcada pela presença de bandeirantes e missionários religiosos, a cidade atualmente se constitui num dos mais importantes núcleos urbanos do interior nordestino, em razão de suas atividades econômicas no setor da fruticultura.

Essas duas cidades compõem o que hoje é denominado de polo econômico Petrolina-Juazeiro. Os estudos de Sobel e Ortega<sup>25</sup> esclarecem que:

---

<sup>20</sup> Ibid., p. 2.

<sup>21</sup> REIS, Edmerson dos Santos. Educação para a convivência com o semiárido: desafios e possibilidades. In: *Semiárido Piauiense: educação e contexto*. Editora Instituto Nacional do Semiárido (INSA). Campina Grande-PB, 2010.

<sup>22</sup> SILVA, José de Souza. *Aridez mental, problema maior*: contextualizar a educação para construir o “dia depois do desenvolvimento” no Semiárido brasileiro. 2010.

<sup>23</sup> IBGE. *Censo Demográfico 2010*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/petrolina/panorama>. Acesso em: 12 set. 2007.

<sup>24</sup> ARAÚJO, Guilherme José Ferreira; SILVA, Maria. Crescimento econômico no semiárido brasileiro: o caso do polo frutícola Petrolina/Juazeiro. *Caminhos de Geografia*, Uberlândia, v. 14, n. 46, jun. 2013. p. 247. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/> ISSN 1678-6343. Acesso em: 16 out. 2017.

<sup>25</sup> SOBEL, Thiago Farias; ORTEGA, Antonio César. *Estratégias de desenvolvimento territorial*: o caso do Pólo Petrolina-Juazeiro. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 45., 2007, Londrina. *Anais [...]*, Londrina, 2007. p. 7.

Desde meados do século XIX, essa região já exercia um papel de destaque como entreposto comercial e polo de prestação de serviços de uma vasta área do sertão nordestino. No entanto, a região não contava com um fluxo de capital que permitisse uma ampliação da atividade de produção. Além disso, era uma região desprovida de infraestrutura de transporte que ensejasse a transferência do excedente. Contava com uma população que se distribuía pelas bordas do rio, de forma irregular, e vivendo basicamente da atividade de subsistência.

Até então, era impossível antever as duas cidades como um grande polo de produção de frutas do país, dada a compreensão do Sertão como um lugar sem perspectivas de crescimento. No entanto, o setor público, a partir da década de 1960, inseriu “uma atividade econômica que possibilitasse a geração de um excedente de produção capaz de dinamizar a economia local, viabilizando a criação de um parque industrial de processamento de produtos agrícolas e de produção de insumos para os setores agrícola e industrial local”<sup>26</sup>. Essas políticas concentraram suas forças nos investimentos em infraestrutura, irrigação e incentivo ao setor privado.

Diante do novo contexto, “os reflexos dessa nova atividade se fizeram imediatamente sentir no espaço urbano: as cidades de Juazeiro e Petrolina tornam-se cada vez mais competitivas e atualmente complementares, constituindo-se num polo que se consolida e comanda a região com as novas atividades decorrentes da agricultura irrigada”<sup>27</sup>.

Nesse sentido, a competitividade na economia e seus desdobramentos em rivalidades socioculturais entre Juazeiro e Petrolina possuem sua gênese nas disparidades do crescimento econômico e social entre elas, tidas como irmãs, mas outrora concorrentes e adversárias. Estudos sobre desenvolvimento socioeconômico apontam diferenças significativas em relação a Petrolina, quando comparada a Juazeiro. A cidade pernambucana nas últimas décadas despontou nos números que sustentam crescimentos nas áreas de infraestrutura, população, saúde, emprego e renda, e educação <sup>28</sup>.

Esses sentimentos, de rivalidade e vizinhança, permeiam o cotidiano de seus moradores, ao tecerem comparações a respeito de qual cidade desfruta das melhores condições de bens e serviços para se viver. Em síntese, são unidas pela ponte Presidente Dutra, pela agroindústria, pelas oportunidades econômicas do rio São Francisco e por uma dependência histórica mercadológica, considerando-se que uma depende do consumo, bens e serviços da outra. Mas, reconhece-se que ambas são separadas por aspectos culturais e sociais.

---

<sup>26</sup> Ibid., p. 8.

<sup>27</sup> SOUZA, Regina Celeste; RAMOS, Alba Regina Neves. Rio São Francisco: cultura, identidade e desenvolvimento. RDE - *Revista de desenvolvimento econômico*, Salvador, BA, ano 12, edição especial, dez. 2010, p. 9. Disponível em: [www.revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/view/1239](http://www.revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/view/1239). Acesso em: 10 abr. 2017.

<sup>28</sup> QUEIROZ, Francisco Alves. *As disparidades no desenvolvimento socioeconômico de Juazeiro e Petrolina*. Formadores (Cachoeira), 2015. Disponível em: <http://professorfranciscoqueiroz.blogspot.com.br>. Acesso em: 12 maio 2016.



A rivalidade e a vizinhança tornaram-se sedimentos importantes para a construção das identidades de ambas as cidades, uma vez que Juazeiro tornou-se o outro comparativo de Petrolina, e vice-versa, para que ambas pudessem afirmar mutuamente suas identidades e diferenças.

A reflexão desses processos identitários sinaliza que é necessário que o outro esteja perto para que a partir da diferença se construa traços identitários. Dessa forma, a identidade é compreendida como um significado cultural e socialmente atribuído, que pressupõe uma prévia caracterização que se atribui ao que é semelhante, ao mesmo tempo em que permite distinguir o que é diferente<sup>29</sup>.

Do âmbito econômico para a dimensão cultural, especificamente a dimensão esportiva, nos jogos do BAPE da década 1970 a 1990. Quais os motivos que levaram ao término destes jogos que ritualizavam as identidades socialmente construídas sobre as cidades do Vale do São Francisco? É o que apresentaremos adiante.

## **Resultados e Discussões**

Na década de 1990, a primeira edição do torneio presente nos jornais é a de 1991. Essa edição se inicia com a polêmica que se refere à cidade que iria sediar as partidas do BAPE. Por questões de estrutura, o estádio de futebol de Juazeiro, Adalto Morais, estava impossibilitado de sediar os jogos, ficando acertado entre as ligas, mesmo a contragosto de alguns, que todas as partidas seriam em Petrolina, no estádio Paulo de Souza Coelho<sup>30</sup>. Outra polêmica foi o pedido de representantes de Petrolina para atender uma solicitação de uma cidade do estado da Bahia, Casa Nova, para participar da competição. O aceite ocasionou o aumento no número de equipes no BAPE daquele ano. A existência de mais equipes levaria a divisão da renda entre um número maior de agremiações, bem como a reorganização de sua logística, com mais jogos, árbitros, reuniões e demais demandas do torneio.

Mesmo diante desses problemas iniciais, matérias sobre os dirigentes ganharam espaço no jornal. Dessa forma, a presença de empresários teve uma articulação direta com os times, em sua maioria assumindo posições na diretoria das equipes. Pela iniciativa privada,

---

<sup>29</sup> BRUM NETO, Helena; BAZZI, Meri Lourdes. Regiões culturais: a construção de identidades culturais no rio grande do sul e sua manifestação na paisagem gaúcha. *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, v. 20, n. 2, p. 135-155, dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sn/v20n2/a09v20n2.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2017.

<sup>30</sup> Este estádio era anteriormente chamado de Estádio da Associação Rural, sobretudo nas décadas de 1970 e 1980.

era constante o investimento do empresariado local. Na edição de 1991, esses investimentos se entrelaçaram às contratações de jogadores:

As poderosas equipes das duas cidades, já entraram em campo. Comenta-se que verdadeiros esquadrões estão formando. Olaria de Juazeiro (com o loby de empresários investindo no Alvi-negro) que estaria contratando muitas feras da região<sup>31</sup>.

As contratações de jogadores muitas vezes traziam polêmicas para os dirigentes, que terminavam por representar sua cidade. Dizia o jornal que nessas contratações “Petrolina fez inflacionar o mercado, aliás, o nosso pobre futebol que não é um mercado por não ser profissional”<sup>32</sup>. Percebe-se que as contratações tencionavam os dois centros futebolísticos, sendo um elemento que contrariava a perspectiva inicial do torneio, que era unificar o futebol amador dessas cidades.

Além dos desdobramentos das contratações, a imprensa registrou o reconhecimento do talento dos jogadores na competição e tensões envolvendo a arbitragem, os jogadores e árbitros: “espera-se um grande jogo, já que o time de Petrolina conta no seu elenco, com jogadores considerados a nível de seleção”<sup>33</sup>. Outra reportagem relatou: “e as faltas mais desleais começaram a surgir, oportunidade em que o árbitro Etevaldo Silva começou a distribuir cartões amarelos, sendo diversas vezes criticado pelo dirigente Walter Henrique do Náutico”<sup>34</sup>.

As torcidas também estiveram nessa edição, sinalizando o entusiasmo de alguns e os problemas que iriam se agravar no decorrer do BAPE.

Por se tratar de um encontro altamente decisivo e despertar o interesse das torcidas e quatro grandes agremiações, espera-se que com isso o estádio da associação Rural, pela primeira vez nesse torneio Bahia- Pernambuco, receba um grande grupo, fato até agora não registrado<sup>35</sup>.

As notícias sobre os técnicos das equipes abordaram suas estratégias para os jogos, os conflitos em campo, a rotina dos treinos e o reconhecimento pelo duro trabalho prestado a sua equipe.

---

<sup>31</sup> JOSÉ, Francisco. Torcedor, vamos ao BAPE? *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, n. 19, 29 jan. 1991. Esportes, p. 6.

<sup>32</sup> GRAY, Charles. Bape será realizado em Petrolina. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, ano 19, 17 jan. 1991. Esportes, p. 6.

<sup>33</sup> JOSÉ, Francisco. Neste domingo será aberto o Bape. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, ano 19, 22 fev. 1991. Esportes, p. 6.

<sup>34</sup> JOSÉ, Francisco. Terminou em confusão a 3 rodada do retorno do Ba-Pe. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, ano 19, 11 maio 1991. Esportes, p. 6.

<sup>35</sup> AMARILDO, Raimundo. Olaria x Palmeiras: vencer ou vencer. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, ano 19, 15 jun. 1991. Esportes, p. 6.

O Juazeiro de Guanair Athanásio, terá a chance de provar que está vivo, busca de uma classificação no seu grupo [...]. O adversário será o 1º de Maio [...] do time de Ronaldo, pode-se dizer, que vem pra vencer e tentar tirar essa má sorte nas conclusões<sup>36</sup>.

A vitória de domingo veio em decorrência de um trabalho sério feito pelo técnico Antonio Barbosa (Baé). Neste trabalho, ninguém tem privilegio. Quem perder treinos do time, quem não correspondem idem. E esse trabalho mesmo com uma derrota e um empate, foi mantido, começando a dá os primeiros resultados nesta vitória contra o Palmeiras<sup>37</sup>.

Na edição de 1991, a presença de violência física e simbólica envolveu jogadores, dirigentes e árbitros, evidenciando momentos de tensões no torneio. Um episódio foi descrito:

Os 167 torcedores a pagar o ingresso na última quinta-feira com o objetivo de assistir aos jogos estabelecidos pelas duas ligas, viram na verdade apenas parte do espetáculo, pois o restante do prélio foi empanado pelas agressões físicas, verbais entre jogadores, dirigentes e árbitros [...] o técnico do Carranca, Adroaldo Muniz e Melo (Dozinho) partiu para um bate-boca com o Bandeira José Carlos Amorim, da LDJ sendo necessário a interferência da polícia [...] o árbitro Etevaldo Silva, começou a distribuir cartões amarelos, sendo diversas vezes criticado pela dirigente Walter Henrique do Náutico [...] Quando o árbitro para o jogo e expulsa da cancha Ricardo Náutico e Robertão por agressão mútua. Neste momento, jogadores do Timbu petrolinense daqui, começam com trombada dali, agressão verbal, entre em campo a polícia, ninguém vai expulso e o jogo recomeça com bola ao ar para desespero dos torcedores e jogadores do alvirrubro [...] Quando faltavam exatamente 3 minutos para o final do prédio [...], o árbitro encerra a partida e novamente o Rebu é formado, desta vez em frente à mesa do Delegado LDP, Bosco<sup>38</sup>.

Esses comportamentos violentos podem ser pensados a partir da perspectiva<sup>39</sup> de que atividades de lazer e, portanto, em um futebol vivenciado nos fins de semana, há uma transposição das sensações para uma esfera que impõe menos limites, sendo possível experimentar as emoções da violência numa tonalidade diferente, isto é, tensões com sentidos positivos e agradáveis. Através da sociologia figuracional, analisamos que os confrontos no BAPE, por sua violência física e simbólica, podem ser pensados a partir da ideia de que “o desporto e a guerra envolvem formas de conflito que se encontram entrelaçadas, de maneira sutil, com formas de interdependência, de cooperação e com a formação do ‘nosso grupo’ e do ‘grupo deles’”<sup>40</sup>.

<sup>36</sup> AMARILDO, Raimundo. Hoje tem Clássico no BAPE: Palmeiras x Barro Vermelho. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, ano 19, 13 mar.1991. Esportes, p. 6.

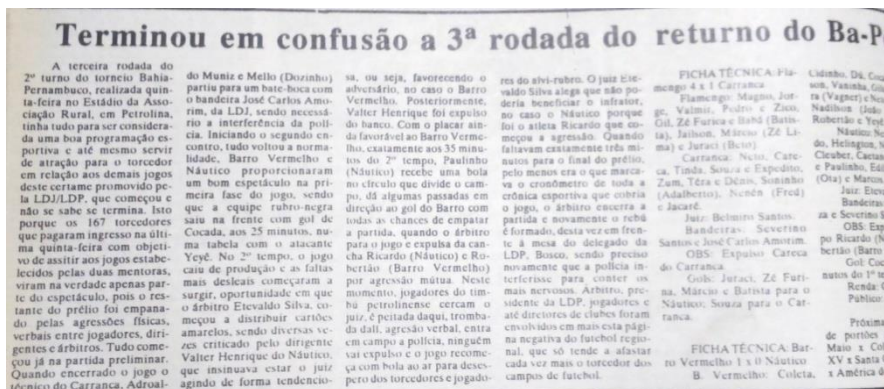
<sup>37</sup> JOSÉ, Geraldo. BAPE: Olaria desencanta. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, ano 19, 26 mar. 1991. Esportes, p. 6.

<sup>38</sup> JOSÉ, Francisco. Terminou em confusão a 3 rodada do retorno do BAPE. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, ano 19, 11 maio 1991. Esportes, p. 6.

<sup>39</sup> MYSKIW, Mauro; STIGGER, Marco Paulo. Lazer e identidades: retratos etnográficos num circuito de futebol. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 68-84, jan./abr. 2014.

<sup>40</sup> ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Editora Difel, 1992. p.16.

Figura 1: Os problemas do BAPE



Fonte: JOSÉ, Francisco. *Terminou em confusão a 3ª rodada do retorno do BAPE*. 1991. Fotografia 1.

A imprensa ainda elencou problemas na organização das partidas, como o atraso para o início dos jogos, improvisos da equipe de arbitragem, ingerência dos dirigentes das ligas, entre outras mazelas em campo. Uma matéria sentenciava “*O pior Bape de todos os tempos*”<sup>41</sup>:

Numa noite melancólica e desagradável para o futebol regional, foi realizada quarta-feira a décima terceira rodada do segundo turno do torneio Bahia-Pernambuco. De tudo ou quase tudo se registrou nos dois jogos que deram continuidade a esta fase da competição anteriormente conhecida como “o melhor evento esportivo da região”, embora nos últimos tempos tenha se desgastado por conta desse tipo de coisas. Na preliminar de quarta-feira, Colonial e Santa Cruz começaram o jogo já com quase 35 minutos de atraso, provocando naturalmente o atraso do jogo seguinte entre América de Sobradinho e Náutico, que foi encerrado perto da meia noite. Se o maior problema fosse exatamente esse, dava pra suportar, afinal não é a primeira vez que acontece. No entanto, o que se registrou a partir daí foi uma tremenda falta de respeito para com o público desde quando com a ausência de uma bandeira da LDJ devidamente escalado para o jogo, improvisaram um torcedor como auxiliar de linha até Belmiro Santos assumisse seu lugar no segundo tempo. Essa não é a primeira vez que se registra esse tipo de coisa, semana passada um massagista foi bandeira de outro jogo.

Fora isso, o torcedor reclama das péssimas arbitragens, dirigentes protestam contra o número exagerado de clubes e a falta de motivação, e os dois presidentes da LDJ e LDP mais perdidos que cego em tiroteio parecem ser apenas uma única válvula de escape, prometer melhor BAPE em 92.

A edição de 1991 foi das mais difíceis para os organizadores do BAPE. Publicaram-se exaustivamente seus limites organizacionais, enfatizando sobretudo as desvantagens para Juazeiro em participar da competição, ou pelos jogos terem acontecido somente em Petrolina, ou pelos débitos deixados às agremiações daquela cidade. Um jornalista, lembrando acordos feitos entre as ligas LDJ e LDP, rememorou desafetos recentes:

<sup>41</sup> JOSÉ, Francisco. O pior BAPE de todos os tempos. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, ano 19, 14 jun. 1991. Esportes, p. 6.

Não sou nunca fui, e nem serei contra um campeonato como o BAPE, porém sou e sempre serei coerente com meus pensamentos e ações. Se Petrolina fez naquela época, o que fez, imagine o que farão agora os diretores de lá, tendo Juazeiro a seus pés, por esta cidade em inferior posição, sem o seu estádio<sup>42</sup>.

Esse período de impopularidade do torneio agravou-se ao ponto de a imprensa carregar tintas em manchetes de sarcasmo e ironias. A reportagem *Como Chamar este torneio, BAPE ou PEBA?*<sup>43</sup> fez uma analogia entre a organização do torneio e um animal, comumente encontrado nas caatingas do sertão, chamado de “peba”. No linguajar coloquial nordestino adjetivar um sujeito de “Peba” é qualificá-lo como algo ruim, agrega ao objeto significados de desordem e de má qualidade. A manchete relatava:

Mais uma história sem pé nem cabeça começa a se estruturar no futebol de Juazeiro. Todos já sabem a que me refiro. A realização deste campeonato ou torneio como queiram chamar BAPE. Não seria um PEBA? Peba não é o animal que infelizmente está em processo de extinção, porém o peba, de como se costuma chamar aqui em nossa região quando se tem alguma coisa ruim, sem brilho ou mal feito.

Não entendo e peço a alguém que me de as devidas explicações para que tente entender, o porquê de fazer um campeonato desses a toque de caixa (toda pressa em qualquer estrutura). Vejo que nem mesmo os atletas, dos principais clubes sabem da realização de nenhuma atividade, pois perguntam-nos nas ruas pelas novidades.

Figura 2: As analogias com o BAPE



Fonte: JOSÉ, Francisco. *Como chamar este torneio, BAPE ou peba?* 1991. Fotografia 2.

De certa forma, essa celeuma arrefeceu as lentes da imprensa para o evento. No ano de 1992, nas raras reportagens sobre o torneio, não encontramos nenhuma matéria específica sobre sua realização, mas uma menção, no final do segundo semestre, confirmou que o BAPE ocorreu nesse ano, quando afirma que a equipe do Veneza Futebol Clube foi a

<sup>42</sup> JOSÉ, Francisco. Memória curta é um problema sério. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, ano 19, 17 jan. 1991. Esportes, p. 6.

<sup>43</sup> JOSÉ, Francisco. Como chamar este torneio, Bape ou peba? *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, ano 19, 9 jan. 1991. Esportes, p. 6.

campeã: “a diretoria do Veneza ainda no embalo das comemorações do título de 92 promete para sua torcida [...] novas contratações”<sup>44</sup>. Mas o clima de descontentamento pairou: “não é surpresa não, o futebol regional está em decadência”<sup>45</sup>.

Somando a esses problemas, o jornal também pontuou a falta de transporte para os torcedores e as equipes de menor porte nas rodadas agendadas nos dias de semana, uma vez que somente o estádio de Petrolina estava sediando as partidas. A questão do transporte também ocasionava a redução do público, acarretando diminuição na arrecadação das bilheterias. Com isso, muitos clubes reclamavam que não tinham recursos nem para suprir as necessidades básicas dos jogadores, como gelo, água e compra de frutas.

No entanto, essa matéria também sinalizou o crescimento de novas equipes esportivas, tidas antes como pequenas, e agora em condições de competir com as de grande porte no futebol local<sup>46</sup>:

Os clubes considerados pequenos estão realmente tomando os lugares dos chamados grandes. Temos um exemplo bem perto de Juazeiro, que é o futebol da cidade vizinha de Petrolina. No ano passado o time da Ferroviária conquistou um título importante para sua história e para o futebol regional, foi o campeão do Bape, onde 18 equipes disputaram e entre elas as melhores do futebol de Juazeiro e Petrolina.

Nesse ano, as atenções voltaram-se para os preparativos do próximo BAPE: sua edição de 1993. No final do segundo semestre de 1992, os futebolistas estavam absortos na preparação das equipes e contratações dos jogadores. O formato da edição de 1993 trouxe uma novidade importante para o torneio, a presença de uma equipe de outra cidade, o América de Sobradinho, de Sobradinho-BA. Destacaram-se os trabalhos das equipes do Olaria, Barro Vermelho, Carranca, XV de Novembro e Colonial<sup>47</sup>.

Tudo definido quanto ao torneio Bahia-Pernambuco que terá início a partir de 17 de janeiro com jogos aqui em Juazeiro e Petrolina. As equipes foram divididas em duas chaves A e B. [...] inclusive a tabela de jogos de ida e volta já esta pronta com os horários marcados, com o primeiro jogo aqui em nossa cidade sendo iniciado às 16 horas e 15 minutos 6.

Em 1993, o BAPE transcorre como planejado, mas reserva acontecimentos importantes para a compreensão dos significados que levaram ao seu fim. O público nas partidas começa a dar sinais de pouco entusiasmo, comparecendo timidamente às

<sup>44</sup> AMARILDO, Raimundo. Equipes se preparam para o BAPE. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, ano 19, 25 nov. 1992. Esporte, p. 6.

<sup>45</sup> AMARILDO, Raimundo. Petrolina campeã 92 da vizinha cidade. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, ano 19, 11 ago. 1992. Esporte, p. 6.

<sup>46</sup> *Ibid.*, p. 7.

<sup>47</sup> AMARILDO, Raimundo. Equipes se preparam para o BAPE. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, ano 19, 25 nov. 1992. Esporte, p. 8.

arquibancadas. “O futebol tecnicamente está em alta, no entanto o torcedor é que não tem dado o ar da sua graça”<sup>48</sup>. Essa edição foi também marcada por alterações na programação oficial, já organizada desde o ano anterior. Tanto as festividades do carnaval como a realização de eventos comunitários (bingos) nos estádios provocaram mudanças nas tabelas dos jogos. Ressonâncias dessas mudanças se deram diretamente nas equipes<sup>49</sup>:

O que observamos em termos de treinamento das equipes do futebol de Juazeiro é que com a paralização do torneio Bahia-Pernambuco, os clubes de nossa cidade não estão treinando com tanta intensidade conforme acontecia anteriormente quando a competição vinha de vento em polpa.

Nessa edição, os dirigentes e as decisões a serem tomadas nas reuniões com a LDJ e LDP ganharam visibilidade. A imprensa acompanhou os interesses de suas equipes: “na última segunda feira aconteceu mais uma reunião dos dirigentes de clubes que estão participando do torneio Bahia-Pernambuco e tudo ficou definido quanto à rodada deste domingo”<sup>50</sup>. Outra matéria disse: “No Veneza o presidente Roberto Carlos admite que o time azulino venha a contratar o seu novo comandante, pois o torneio início já está programado para o mês de maio”<sup>51</sup>.

Com apenas uma matéria a respeito da presença do BAPE em 1994, seu título enfatizava a probabilidade da não realização dos jogos. A reportagem seguia<sup>52</sup>:

O torneio Bahia-Pernambuco não deve acontecer pelo menos no primeiro semestre do presente ano, pelo que sabemos é devido ao campeonato de Petrolina já ter data marcada e tem mais, o nosso futebol não tem previsão pelo menos na liberação do campo. Desta forma com a copa do mundo, campeonato Juazeirense, intermunicipal e interclubes, fica difícil até mesmo em se pensar em BAPE. Se tudo ocorrer conforme desejos dos dirigentes dos clubes, haverá um meio de efetivação do Bahia-Pernambuco para o segundo semestre do corrente ano. A preocupação dos dirigentes de clubes, especialmente os juazeirenses é quanto a realização do BAPE. No entanto, enquanto há vida, existem esperanças e por isso vamos aguardar os acontecimentos, pois o BAPE, sempre foi uma solução para as ligas e torcedores.

Diante do relato, é curioso perceber que, ao mesmo tempo em que se reconhecia a importância do evento para as ligas e seus torcedores, o torneio nesse ano estava perdendo espaço na agenda esportiva para outras atrações<sup>53</sup> futebolísticas. Quanto à afirmação do BAPE

<sup>48</sup> AMARILDO, Raimundo. Terceira rodada do BAPE com jogos já definidos. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, ano 21, 28 jan. 1993. Esporte, p. 6.

<sup>49</sup> AMARILDO, Raimundo. Bape desmotiva um pouco treinamento dos clubes. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, ano 21, 22 fev. 1993. Esporte, p. 6.

<sup>50</sup> Ibid.

<sup>51</sup> AMARILDO, Raimundo. Olaria e Veneza a procura de treinador. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, ano 21, 30 abr. 1993. Esporte, p. 6.

<sup>52</sup> AMARILDO, Raimundo. BAPE poderá não acontecer por enquanto. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, ano 20, 19 fev. 1994. Esportes, p.6.

<sup>53</sup> Estas atrações referem-se aos eventos futebolísticos *Intermunicipal* e *Interclubes*, ambos foram competições realizadas pela Liga desportiva de Juazeiro-BA e a Federação Baiana de Futebol.

enquanto solução para as ligas e torcedores, inferimos que para as ligas importava o capital financeiro que as partidas deixavam, para os torcedores era a ocupação do tempo livre no âmbito do lazer com as partidas nos fins de semana.

Nas articulações para a edição de 1995 intensificou-se a possibilidade da presença de equipes de outras cidades, como ocorrera na edição de 1993, e o BAPE começa a ser nomeado como um torneio regionalizado, e não mais um reduto das agremiações de Juazeiro e Petrolina. Esse fato revela duas nuances: a primeira refletia o próprio crescimento e popularização do torneio; e a segunda, a necessidade de flexibilizar sua estrutura como um todo, uma vez que a quantidade de equipes iria aumentar, trazendo novos atores com seus interesses nem sempre recíprocos com a vanguarda do BAPE. Cidades próximas começaram a ver o BAPE como um espaço de visibilidade para suas equipes, alterando de certa forma sua essência, que era opor os futebóis de Juazeiro e Petrolina. Diante desse cenário, suas características positivas para o futebol na região foram outra vez enaltecidas<sup>54</sup>:

Este torneio além de sempre ter uma motivação especial, é o verdadeiro eldorado para os jogadores da região. Já tem dirigente até mesmo pensando em um torneio regional, aliás, que seria o correto com equipes de cidades vizinhas a Juazeiro e Petrolina tendo as suas participações como Sento-Sé, Santa Maria da Boa Vista, e até mesmo Casa Nova.

Clubes e ligas estão no desejo do Bahia-Pernambuco, que para nós da imprensa é considerado como a maior competição de nível interestadual. Se falou muito bem em um torneio regionalizado, que para nós é uma boa a participação de Sento Sé, Santa Maria da Boa Vista, Casa Nova e Caraíba Metais<sup>55</sup>.

Os preparativos para o torneio se intensificavam, e as articulações dos dirigentes ganharam força: “alguns dirigentes de clubes já começaram a pensar no torneio Bahia/Pernambuco para o presente ano. Este torneio, além de sempre ter uma motivação especial, é o verdadeiro eldorado para os jogadores da região<sup>56</sup>. A reportagem também pontuou<sup>57</sup>:

Todos os dirigentes dos grandes clubes de futebol juazeirense são favoráveis que aconteça o torneio Bahia-Pernambuco nesta temporada. Aliás, já é hora dos dirigentes de clubes se articularem principalmente com o presidente da liga desportiva juazeirense Sabino Pereira de Araujo e com o presidente da LDP Vinícius de Santana.

---

<sup>54</sup> AMARILDO, Raimundo. BAPE 95. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, 3 e 4 jan. 1995. Esporte, p. 6.

<sup>55</sup> AMARILDO, Raimundo. BAPE é a meta de todos. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, 6 jan. 1995. Esporte, p. 5.

<sup>56</sup> AMARILDO, Raimundo. BAPE 95. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, 3 e 4 jan. 1995. Esporte, p. 6.

<sup>57</sup> Ibid.



No entanto, o BAPE de 1995 ficou apenas no plano das ideias e conjecturas, não aparecendo nenhum indício da sua realização. O que ficou latente foram indicativos da sua impossibilidade<sup>58</sup>:

Realmente, vai ser difícil acontecer neste 1º semestre, o torneio Bahia-Pernambuco. Estivemos conversando com o presidente Vinícius Santana de Petrolina e ele deixou bem claro que no momento pretende iniciar o campeonato petrolinense. [...] Na verdade o futebol regional depende e muito para motivá-lo destas duas competições.

Todavia, uma realidade que pode nos ajudar a compreender essa interrupção foi a crise que se instalou em muitas equipes dessas cidades, principalmente em Juazeiro. Muitos times tradicionais estavam sem diretorias esportivas, impossibilitando suas atividades. “Aqui em Juazeiro os clubes continuam sem diretores formados, especialmente os três grandes clubes: Veneza, Olaria e XV de Novembro”<sup>59</sup>. Numa outra reportagem a problemática é ratificada: “que os dirigentes que prometeram se afastar articulem o mais rápido possível outros diretores, para que essas agremiações continuem fortes e não percam seus valores”<sup>60</sup>. Mais uma vez o BAPE estava perdendo espaço para outras iniciativas do futebol, e certo esvaziamento de seus protagonistas sinalizam um futuro incerto para o certame.

Em 1996, ano que marca sua última edição no Sertão nordestino, o formato da competição ganha volume nas reuniões que antecederam a disputa. No calor dessas discussões, posicionamentos eram balizados<sup>61</sup>:

Por Juazeiro, tentou-se mudar uma coisa bastante justa, que era o sistema de classificação por pontuação, independente de onde seria o time, ou de Juazeiro ou de Petrolina. Essa medida evita absurdos como já aconteceram de clubes de Juazeiro terminarem a fase de classificação do torneio sendo desclassificados, porém com mais pontos que o campeão petrolinense. Porém essa proposta foi de imediato rejeitada por Petrolina que disse só ter sentido o BAPE quando chegam uma equipe de Juazeiro e outra de Petrolina na final independente de pontuação. E assim ficou definido com a posição de Petrolina mais uma vez prevalecendo

Para os representantes de Petrolina, o que estava em jogo era o próprio sentido do torneio que possuía, na sua gênese, a ideia de contrapor as duas cidades em campo. Se nas finais estivessem equipes da mesma cidade devido à classificação por pontuação, o sentido da idealização do BAPE estaria comprometido.

<sup>58</sup> AMARILDO, Raimundo. BAPE e a Taça do Vale difícil de acontecer. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, 17 jan. 1995. Esporte, p. 6.

<sup>59</sup> *Ibid.*

<sup>60</sup> AMARILDO, Raimundo. Torneio Bahia Pernambuco 1995. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, 13 jan. 1995. Esporte, p. 6.

<sup>61</sup> AMARILDO, Raimundo. BAPE poderá acontecer em março. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, 23 fev. 1996. Esporte, p. 8.

Por conseguinte, a competição aconteceu no formato que prevaleceu em suas edições anteriores: com oito equipes representando as duas cidades, o chamado grupo de maior prestígio, ou os “grandes do futebol de Juazeiro e Petrolina”. E outro com oito times de menor estrutura atuando no torneio paralelo denominado Aluísio Viana<sup>62</sup>. Se as últimas edições do torneio acumularam reportagens que ameaçaram a credibilidade da LDJ e LDP, a edição de 1996 tentou e conseguiu, na medida do possível, dirimir lembranças de ingerência, que atrelaram o BAPE a partidas desorganizadas e distantes de seu perfil, ainda que amador, inspirado no futebol profissional.

Os jornais dedicaram um número significativo de matérias que remetiam às organizações das equipes para o início do torneio. Nos bastidores, a contratação de jogadores foi calorosa em Juazeiro: “continua a briga entre o Barro Vermelho e alguns times, por conta da transferência de jogadores”<sup>63</sup>. Outra matéria enfatizou: “o rubro-negro de Juazeiro tentará este ano, sua primeira conquista de BAPE, organizando um time renovado, contando com alguns jogadores oriundos das categorias de base”<sup>64</sup>. Agora, um clima de expectativa se acumulava: “os presidentes da LDJ, Sabino Pereira e da LDP, Vinícios Santana, estão se reunindo semanalmente para resolverem os últimos preparativos do torneio que já se transformou em uma tradição nas duas cidades”<sup>65</sup>. Essa tradição<sup>66</sup> é compreendida como uma invenção que surgiu em algum lugar do passado, podendo sofrer alterações no futuro. Nessa perspectiva, uma tradição está sempre mudando e fazendo-se persistente aos contratemplos e às mudanças. A tradição consiste em referências de elementos que transportam para o passado.

Nessa edição, os técnicos são descritos em suas atividades cotidianas. “Para o técnico do Barro, Marcelo Passos, é muito importante essa folga para os jogadores estarem descansados para enfrentar o Caiano, que segundo ele, é uma das melhores equipes da competição”<sup>67</sup>. Outra passagem relatou que “o técnico Marcelo Passos temia apenas que devido ao longo período sem coletivos e tempo para treinar suas jogadas, os atletas do Barro

---

<sup>62</sup> Uma homenagem a um desportista da região muito conhecido nos anos de 1990 na região, o Aluísio Viana.

<sup>63</sup> AMARILDO, Raimundo. Equipes se preparam para o BAPE. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, 21 fev. 1996. Esportes, p. 8.

<sup>64</sup> AMARILDO, Raimundo. Clubes preparam-se para o BAPE. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, 13 mar. 1996. Esporte, p. 8.

<sup>65</sup> AMARILDO, Raimundo. Equipes se preparam para o BAPE. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, 21 fev. 1996. Esportes, p. 8.

<sup>66</sup> HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. A invenção das tradições. São Paulo: Paz e Terra, 1997. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/312725693/A-Invencao-das-Tradicoes-Eric-Hobsbawm-pdf>. Acesso em: 17 jun. 2017.

<sup>67</sup> AMARILDO, Raimundo. Rodada do BAPE reúne campeões do 1º turno. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, 24 maio 1996. Esporte, p. 8.

pu dessem sentir o desentrosamento, mas no campo os jogadores provaram que a união e o entrosamento do grupo é muito bom”<sup>68</sup>. Essas reportagens fizeram menções a interrupções no torneio devido a agendas externas dos estádios.

Nesse sentido, os enfoques da imprensa nos técnicos ou treinadores do BAPE sinalizaram significados importantes das atuações no torneio e, conseqüentemente, nas percepções sociais e culturais do BAPE enquanto agenda do lazer local. Diante de um semiprofissionalismo, esses treinadores, que na ausência dos treinos e dos jogos propriamente ditos eram trabalhadores como qualquer outro, eram percebidos como os guardiões de suas equipes. Eles eram os primeiros que recebiam o reconhecimento pelas conquistas, e também o desprezo, caso o placar declinasse da vitória. Alcançar o posto de técnico de uma agremiação de Juazeiro ou Petrolina era de certa forma uma extensão das relações afetuosas tecidas de geração a geração no convívio com seu time predileto.

Na edição de 1996, a preocupação com astorcidas ganhou corpo entre seus gestores uma vez que, oscilando quanto ao público, davam sinais de enfraquecimento. Uma estratégia foi arquitetada para convencer espectadores a comparecer aos estádios A dauto Moraes em Juazeiro e Paulo Coelho em Petrolina<sup>69</sup>:

Para o BAPE deste ano as duas ligas apresentam novidades com relação ao preço do ingresso cobrado para os jogos que serão realizados nos estádios locais. Segundo os dois presidentes, o ingresso custará R\$ 3 reais, sendo que 2 reais vão para os times e 1 real será sorteado entre os torcedores que estiverem presentes no estádio (se a renda totalizar R\$ 3 mil reais, dois mil será rateado entre os clubes e um será sorteado com os torcedores). Esta decisão servirá para motivar os torcedores que além de assistirem bons espetáculos futebolísticos poderão sair de campo com uma grana a mais no bolso.

A iniciativa não surtiu o efeito esperado, e a ausência dos torcedores ganhou as páginas: “na segunda partida o Grêmio e Operário venceu Ferroviário de Petrolina por 1 x 0. Apenas 34 corajosos de torcedores compareceram ao estádio A dauto Moraes, [...] públicos cada vez menores prestigiam nosso futebol local”<sup>70</sup>. Mais notícias foram impressas:

No sábado, em Petrolina, com público de pouco mais de 50 torcedores, estavam marcados dois jogos, na primeira partida o Veneza venceu o América de Petrolina Por 2 x 1, [...] No domingo, também com número muito fraco de torcedores, em Juazeiro Caiano venceu o Juazeiro por 3 x 0 e o Olaria derrotou o CEUB, pelo placar de 3 x 1<sup>71</sup>.

<sup>68</sup> AMARILDO, Raimundo. Os técnicos no BAPE. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, 9 jul. 1996. Esporte, p. 8.

<sup>69</sup> AMARILDO, Raimundo. BAPE poderá começar em março. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, 3 fev. 1996. Esporte, p. 8.

<sup>70</sup> AMARILDO, Raimundo. BAPE: Um torneio mal organizado. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, 11 jun. 1996. Esporte, p. 8.

<sup>71</sup> AMARILDO, Raimundo. BAPE, poucos atrativos para o público. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, 4 jun. 1996. Esporte, p. 8.

A iniciativa para atrair o público “agradou aos poucos torcedores que compareceram aos estádios na rodada de abertura, a decisão de sortear 1/3 da renda para quem comparecer aos jogos. No último domingo em Juazeiro, o sorteado levou mais de quatrocentos reais, enquanto que em Petrolina, o torcedor levou apenas pouco mais de cem reais<sup>72</sup>.

Tais fatos talvez estivessem anunciando o futuro do BAPE numa época em que o próprio futebol na região passava por profundas transformações no que concerne aos territórios do profissionalismo e amadorismo. Todavia, conseguiram marcar nessa imprensa significados essenciais para o torneio e história do futebol local.

É desses sujeitos nas arquibancadas, com suas corporeidades aguerridas a seus times prediletos, que conseguimos projetar no presente o que foi aquele período. Não tivemos acesso pelos jornais a artefatos simbólicos comuns a uma torcida, como a letra de um hino, desenhos de mascotes ou uma coreografia musicada por charangas, mas por essas lentes foi possível inferir que torcidas e torcedores significaram, sobretudo, a construção de uma forma regionalizada de produzir e consumir uma cultura futebolística. Engendraram maneiras peculiares e autodeterminadas de vivenciar o lazer e o tempo livre.

Outros elementos foram destaque no jornalismo nesse ano: uns oxigenaram a competição, enquanto outros retomaram velhos problemas. Como impulso para o BAPE, a presença das iniciativas privadas no envolvimento direto com as equipes e dirigentes. Os times mais tradicionais, como o Olaria de Juazeiro, refletiram essas parcerias: “só se tem notícias do Olaria, que já formou nova diretoria, tendo como presidente o empresário Francisco de Assis, que já começa a manter contatos com jogadores visando formar uma equipe forte para a conquista de mais um título da competição”<sup>73</sup>. Essa parceria rendeu bons frutos: “com um ótimo elenco [...] o alvinegro provou que com boa estrutura e apoio empresarial fica fácil formar uma equipe”<sup>74</sup>.

À espreita, os problemas do passado retornaram recrudescidos. Vieram as alterações em jogos no estádio Adauto Moraes devido a agendas externas, fazendo com que as partidas acontecessem outra vez somente em Petrolina. Essas mudanças atçaram velhas contendas, como o transporte para os elencos esportivos de Juazeiro chegarem à cidade vizinha. A ausência de policiamento em determinados jogos ocasionou o cancelamento de

---

<sup>72</sup> AMARILDO, Raimundo. BAPE aprova programa. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, 20 mar. 1996. Esporte, p. 8.

<sup>73</sup> AMARILDO, Raimundo. Equipes se preparam para o BAPE. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, 2 mar. 1996. Esporte, p. 8.

<sup>74</sup> AMARILDO, Raimundo. Barro Vermelho e Cainano decidem BAPE. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, 9 jul. 1996. Esporte, p. 8.

partidas e a frustração de torcedores. Nesse desalinho, a equipe CEUB (Centro Esportivo Bebedouro, localidade pertencente a Petrolina) ganhou visibilidade<sup>75</sup>:

Os dirigentes do CEUB ficaram revoltados, é que sua equipe tem que se deslocar do projeto Bebedouro, com gasto de ônibus, refeição, medicamentos, orçados em quase R\$ 300,00 para não haver jogo. Os mesmos vão entrar com representação junto aos organizadores da competição para o ressarcimento dos prejuízos.

Como em outros momentos, as últimas publicações sobre o BAPE foram implacáveis nas avaliações da competição. Antes da reportagem do dia 9 de julho, em que sua manchete trazia *Caiano é o grande campeão do Torneio Bahia/Pernambuco*, outra reportagem intitulada *BAPE: o pior da sua história* fazia sua avaliação<sup>76</sup>:

Finalmente está chegando ao fim o pior torneio Bahia Pernambuco de todos os tempos. Tido como uma das competições mais disputadas e bem organizadas de todo o interior nordestino o Bape desse ano decepcionou, não só pelo fraco nível das equipes, como pela falta de organização. Toda a imprensa é unânime em afirmar isso. Se a LDJ e a LDP, juntamente com os dirigentes de clubes estavam interessados e preocupados com o torneio de acesso<sup>77</sup>, porque decidiram pela realização do BAPE? O que podemos ver são estádios completamente vazios jogos desmotivados e equipes que não se dão ao trabalho nem mesmo de ir a campo. É importante que os dirigentes trabalhem para colocarem o futebol de Juazeiro e Petrolina na primeira divisão mas não esqueçamos o futebol regional que é quem revelou jogadores chamado por muitos como a “galinha de ovos de ouro.

O crescimento e a popularização do BAPE nesse período não foram acompanhados de mecanismos organizacionais que garantissem seu pleno desenvolvimento, e o futebol regional começava a agonizar diante dos estádios vazios, das equipes que não compareciam aos jogos e de outras prioridades das ligas.

**Figura 3:O declínio**



Fonte: AMARILDO, R. *O pior PABE de todos os tempos*. 1996. Fotografia 3.

<sup>75</sup> AMARILDO, Raimundo. BAPE: um torneio mal organizado. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, 11 jun. 1996. Esporte, p. 8.

<sup>76</sup> AMARILDO, Raimundo. BAPE: o pior da sua história. *Jornal de Juazeiro*, Juazeiro, 12 jul. 1996. Esporte, p. 8.

<sup>77</sup> Referem-se aos campeonatos municipais de futebol das duas cidades.

### Considerações finais

Ao responder à pergunta: quais motivos do encerramento do torneio tradicional do futebol amador do Vale do São Francisco? Inferimos que O BAPE provocou grandes expectativas nessa década para o Vale do São Francisco, ao mesmo tempo em que causava frustrações nos seus admiradores durante o desenrolar das partidas. Sua derrocada esteve permeada por uma série de problemas de natureza operacional, e por questões relativas ao próprio futebol brasileiro, que atravessavam suas estruturas: a profissionalização do futebol, a incapacidade financeira das equipes de natureza amadora adentrar e se manter no circuito profissional e o desinteresse público e privado local em priorizá-lo terminaram por sufocar a possibilidade de suas próximas edições.

Na década de 1990, os significados que levaram ao fim do evento orbitaram em torno dos desafios que a conjuntura esportiva local provocava. Esses desafios impulsionaram um dualismo nos significados do torneio: da mesma forma que o BAPE era visto como uma tradição futebolística de emoções e entretenimento, era também associado a uma série de desordens internas e espaço de violência no meio esportivo. Em síntese, seu encerramento deu-se pela desorganização e violência internas, descaracterizando a essência da competição e promovendo descrédito nos seus organizadores e admiradores, e a chegada, ainda que tardia, do profissionalismo do futebol na região, expondo a incapacidade financeira das equipes amadoras em acompanhar as mudanças.

Todavia, mesmo com um futuro incerto, já havia alçado ao status de tradição futebolística acumulada pelas décadas anteriores no Vale do São Francisco. Já estava nas ruas, nas memórias sociais, no imaginário popular. Em outras palavras, o BAPE enquanto tradição<sup>78</sup> estava associado à “memória coletiva”, envolvia rituais, possuía “guardiões”, e, ao contrário do costume, tinha uma força de apelo moral e emocional.

Não é possível afirmar a existência, no futuro próximo, de uma retomada do torneio para o cenário esportivo local. No entanto, à época que marcou as últimas coletas das reportagens para este estudo na sede do jornal, tivemos a oportunidade de conhecer um ex-jogador do torneio e entusiasta do futebol local. O Rosiel, como é conhecido nesse meio futebolístico, relatou-nos a sua iniciativa em sensibilizar e convencer outros ex-atletas do BAPE a reeditar a competição ainda no ano de 2017. Estava em fase de articulação com

---

<sup>78</sup> GIDDENS, Anthony. Risco, confiança e reflexividade. In: BECK, U., GIDDENS, A., LASH, S. *Modernização reflexiva*. São Paulo: Editora UNESP, 1997. Disponível em: [http://cadeiras.iscte.pt/SDir/Beck\\_ModRefl\\_.pdf](http://cadeiras.iscte.pt/SDir/Beck_ModRefl_.pdf). Acesso em: 9 jun. 2017.

amigos e parceiros do setor privado. Relatou que a proposta era construir uma edição BAPE 2017 “para matar a saudade dos tempos antigos”. Desse ano até o presente momento, nenhuma notícia sobre uma possível retomada veio à tona.

Nesse sentido, os jogadores, dirigentes, técnicos, massagistas, árbitros, presidentes de ligas, torcedores, torcedoras e chefes de torcida do BAPE significaram uma parte de grande relevância na história do futebol são franciscano. Construíram uma cultura futebolística a partir de uma coletividade comunitária, popular e sertaneja, visando fomentar o futebol regional a se perpetuar na memória das gerações vindouras.

Compreendemos que este estudo contribuiu para as pesquisas históricas das práticas corporais na região do Sertão do Vale do São Francisco, na medida em que, de forma inédita, revelou nas suas últimas páginas a riqueza dos significados socioculturais através do jogo de futebol do Sertão do Nordeste do Brasil.